

EDUCAÇÃO PRECOCE PARA CRIANÇAS SURDAS

ESMERALDA PEÇANHA STELLING*

Para os professores de Educação Especial que tiveram a oportunidade de passar por uma habilitação profissional adequada, que são ou foram protagonistas do processo educativo enquanto agentes do currículo, é opinião geral o reconhecimento da importância e a certeza dos benefícios que a Educação Precoce promove. Ocorreu-nos a preocupação de explicitar, aos que adentram na Educação Especial sem conhecimentos aprofundados sobre a surdez, algumas considerações a respeito das especificidades desta modalidade educativa. Sentimos que é necessário um momento de reflexão, objeto deste artigo, pelos profissionais e demais participantes da Educação Precoce para crianças surdas.

A educação pré-escolar, aquela presente no fluxo regular do ensino, que se preocupa com os cuidados básicos na formação da criança, é recomendada e garantida pela Constituição Brasileira no Capítulo III, Seção I, Art. 208, IV, “atendimento e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade”. Ainda é a pré-escola regular que visa a desenvolver a afetividade, a socialização e a independência num “ambiente especial deliberadamente criado para oferecer condições ótimas que propiciem o desenvolvimento máximo da criança antes dos sete anos e a sua integração social”. (FROEBEL *in* Rizzo, 1986.)

A educação pré-escolar especial não descarta as mesmas finalidades da educação comum e acrescenta objetivos espe-

* Coordenadora Pedagógica do CAPE-APADA – Niterói – RJ.

cíficos em sua práxis pedagógica. Subdivide-se em dois segmentos: a Educação Precoce — de zero a quatro anos — e o Jardim de Infância — de quatro a sete anos.

A Educação Precoce é uma modalidade de atendimento educacional que assiste à criança surda, à sua família e aos demais de sua convivência, desde o momento da detecção da falha auditiva até a entrada no Jardim de Infância.

A frase “o prognóstico educacional da criança será mais favorável quanto mais precoce for o diagnóstico e tratamento da deficiência apresentada” (Monteiro, 1976) endossa a afirmativa citada na maioria dos documentos da educação de surdos: “quanto mais cedo for diagnosticada a deficiência auditiva, mais fácil será diminuir suas conseqüências no desenvolvimento emocional, intelectual e social da criança”.

O diagnóstico diferencial da surdez não é fácil e não está ao alcance de todos por vários motivos, como por exemplo, o desconhecimento de sua importância e, em conseqüência, a precária existência de serviços especializados e a dificuldade de acesso aos mesmos, por sua localização, burocratização ou onerosidade. A dificuldade e a incerteza do diagnóstico fazem com que as pessoas envolvidas percam tempo esperando que o quadro se clarifique, agravando, assim, a situação da criança. Portanto, em nossa experiência e realidade, atendemos prontamente as crianças que tenham suspeita de perda auditiva, porque, se depois o diagnóstico se apresentar diferente daquele a que nos propomos a atender, ainda assim, as atividades propostas nenhum mal poderão ocasionar, já que temos o cuidado de “ver” a criança como um todo, estimulando-a globalmente.

As implicações da surdez são muitas, mas, no que diz respeito ao processo de evolução da linguagem, a instalação dessa deficiência em idade precoce tem conseqüências seriíssimas. As defasagens lingüísticas e o bloqueio de comunicação são algumas dessas conseqüências a serem contornadas num programa de Educação Precoce.

Observando-se a Comunicação como “o processo de

transmitir idéias e sentimentos através da integração das funções expressivas verbais e não-verbais, com o objetivo de afetar o comportamento dos outros, modificando, influenciando e interagindo com as pessoas e o mundo que as cerca”, é de interesse, na Educação Precoce, viabilizá-la por meio de ações educativas específicas. Ensinar aos responsáveis pela criança surda como educá-la, estimular o desenvolvimento da criança, aconselhar de forma sistêmica a família e a todos que interagem com o nosso aluno, significa preservar a constelação familiar provavelmente abalada com a chegada de um filho surdo. A Educação Precoce, dada as suas características educacionais que são direcionadas para a família, não pode deixar de trazer em sua proposta de trabalho um programa de orientação aos pais.

A Educação Precoce, no Centro de Atendimento Pedagógico Especializado — CAPE —, da Associação de Pais e Amigos dos Deficientes da Audição — APADA, Niterói, RJ, é desenvolvida através de uma proposta nos moldes de educação pré-escolar especial, dando ênfase ao trabalho com a família. Para melhor organização, divide-se em dois tipos de atendimento: o Direto, que é realizado com a criança frente a seu responsável, em sessões de 45 a 50 min, e o Indireto, que é realizado sistematicamente, por meio de reuniões com os responsáveis, previamente marcadas, denominadas “Ciclo de Palestras”. Esse evento objetiva passar para os pais um conteúdo informativo, que os habilita a melhor lidar com seus filhos e lhes fornece o apoio moral tão necessário na fase inicial de suas vidas.

Nesse modelo educacional não é utilizado o termo Estimulação Precoce, que consideramos inadequado, pois estimular é uma das estratégias da Educação Precoce, contida em um programa de conteúdo maior. A Educação Precoce possui especificidades que a caracterizam como escolaridade diferenciada, estando clara essa idéia na sua própria denominação.

Como processo educativo especial, está implícita a necessidade de um currículo também especial que, na Educa-

ção Precoce para crianças surdas, está organizado para atender as dificuldades que a criança e sua família terão que enfrentar. O currículo do CAPE/APADA, Niterói, RJ, prevê, desde o espaço físico até a vida da criança na comunidade, experiências sistematizadas pela escola, para serem vivenciadas pela criança e sua família.

No currículo, a criança e o seu responsável são os agentes desse currículo e o professor é o seu dinamizador.

A programação para uma turma de Educação Precoce é planejada individualmente. O professor não só planeja como seleciona o material didático para cada atividade, aluno por aluno. Estas atividades são executadas, respeitando-se as fases de ensino, como em qualquer outra aula. Na **conscientização**, o professor realiza as atividades com a criança, de forma essencialmente lúdica, frente ao responsável que deverá reproduzi-las no lar. Na **fixação**, após algumas aulas, o responsável executa as atividades com a criança e, o professor observa, sem interferir. Na **verificação**, o responsável executa as atividades com a criança e o professor realiza a testagem e intervém, quando necessário, no seu desempenho. Na **superção de deficiências**, caso as constate, o professor retorna às três primeiras fases com maiores esclarecimentos e exemplificações. Todas essas atividades são registradas na pasta individual do aluno e têm, como finalidade, o levantamento de dados para a avaliação da aprendizagem da criança e do seu responsável. Para a avaliação do rendimento escolar, o professor utiliza um roteiro específico que o orienta na elaboração do perfil de cada aluno. Essas avaliações são registradas semestralmente e anualmente, sendo atribuídos conceitos por percentual de objetivos atingidos. É importante ressaltar que a avaliação não é rígida. O roteiro utilizado seria apenas um instrumento didático de organização mínima. A criança e seu responsável são vistos como pessoas e, como tais, passíveis de desempenho em tempo, lugar e forma diferenciados. Em momento algum, se deixam de prever as interferências intrínsecas e extrínsecas dos sujeitos envolvidos no processo educativo.

A programação e a avaliação na Educação Precoce seguem os componentes curriculares da Pré-Escola do CAPE-APADA — Niterói — RJ — em que, o **Atendimento Direto** tem como áreas didáticas a **comunicação**, o **treinamento sensorial**, a **psicomotricidade** e a **socialização**. A divisão por áreas é meramente didática pois elas, constantemente, se interpenetram e se complementam. A área da comunicação desdobra-se em conceituação, estruturação e significação da linguagem, leitura da linguagem falada, leitura labial, ensino da língua oral (fala) e da língua dos sinais (o responsável freqüenta o Curso de Sinais). O treinamento sensorial dá ênfase ao ensino auditivo e trabalha as funções intelectivas. Cabe esclarecer que o termo “treinamento” não deve ser entendido como condicionamento puro e simples. O aluno surdo necessita ser trabalhado formalmente neste aspecto, principalmente na audição e fonação, já que, espontaneamente, estes aprendizados não ocorrerão como acontece com a criança ouvinte. Justifica-se, assim, a necessidade do ensino ser especial, inclusive na adoção de termos considerados inadequados na educação regular, mas necessários na educação especial, por exigência de suas peculiaridades.

As duas outras áreas, a psicomotricidade e a socialização, não diferem da educação regular, pois trabalham com conteúdos programáticos idênticos aos desenvolvidos com crianças ouvintes. Durante o ato educativo há uma inter-relação dos componentes curriculares formando um complexo didático específico, que, aqui, não é explanado para que não se perca a mensagem deste artigo — a Educação Precoce neste modelo particular.

Em relação ao papel do professor, considere-se que seja o estimulador do ensino, o criador de situações que levam os pais a uma boa integração com seus filhos; o profissional sensorial, observador e criativo, que capta os efeitos da surdez e programa ações que evitam conseqüências negativas no desempenho da criança, nos segmentos educacionais-posteriores. É, também, função do professor fazer com que a família

participe efetivamente no processo educativo. O professor possui embasamento técnico que o caracteriza como professor especializado; portanto, aprofunda-se em seus estudos, atualiza-se e entra em contato com instituições similares à sua para intercâmbio técnico-pedagógico. Em relação à criança, cabe ao professor permitir-lhe explicitar sua bagagem vivencial interagindo num processo de trocas que a conduza à construção do conhecimento, respeitando-se sua forma de ler o mundo.

Quanto ao responsável, não é visto como mero observador dos atendimentos, mas como agente do currículo, cabendo-lhe a função de executor e multiplicador do conteúdo aprendido. Recomenda-se que ele divulgue as lições aprendidas não só dentro de sua família, como também com seus vizinhos, amigos e outros pais menos informados.

A Educação Precoce consiste na tarefa de maior responsabilidade da educação de surdos. É ela que assenta o alicerce do grande e complexo “edifício” EDUCAÇÃO que abriga os integrantes da vida da criança surda. Sem esquecer, em momento algum, que educar é preparar para a vida, acredita-se que a Educação Precoce deve ser operacionalizada em um espaço especial que propicie ambiente específico, onde se desenvolvam estratégias que atinjam objetivos tão incomuns como os que aqui foram tratados. A Pré-Escola Especial é o local otimizador destas ações. Utilizando-se deste espaço especial, estar-se-á preparando verdadeiramente as crianças para a INTEGRAÇÃO na sociedade. Sem preparação consciente (sem ensino especial de qualidade) estaremos colocando os alunos, com defasagens lingüísticas, bloqueios de comunicação e gerando outros impedimentos, em uma situação injusta, sem chances de sobrevivência e, acima de tudo, com fortes possibilidades de eles se tornarem, mais tarde, pessoas infelizes. Portanto, o CAPE-APADA — Niterói, RJ, pauta seu trabalho na crença dos benefícios que a escola especial propicia, fazendo de sua escola uma extensão da família da criança surda. Não abre mão da interação permanente com a comunidade surda, da orientação familiar, do

esclarecimento comunitário e do aperfeiçoamento de sua equipe de trabalho. Encontra-se permanentemente aberta para mudanças e aceita de bom grado críticas que objetivam o bem comum.

EQUIPE TÉCNICA REGIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL – Proposta Curricular de D.A. – Niterói, SEEC/RJ, 1977.

BIBLIOGRAFIA

01. EQUIPE TÉCNICA REGIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. Proposta Curricular do D.A. Niterói, SEEC/RJ, 1977.
02. FINE, P. La sordera en la primera y segunda infancia. Cid. México, Ed. Médica Panamericana, 1977.
03. KRAMERS, S. Com a Pré-Escola nas mãos: uma alternativa curricular para a educação infantil. São Paulo, Ática, 1989.
04. MARCHESI, A. El Desarrollo Cognitivo y Lingüístico de los niños sordos. Perspectivas Educativas. Madrid. Alianza Editorial, 1987.
05. RIZZO, G. Educação Pré-Escolar, Rio de Janeiro, Martins Fontes, 1986.
06. STELLING, E. Anotações pessoais do Curso de Especialização em Deficiência Auditiva. Niterói, SEEC-RJ, 1971.
07. ————. Anotações pessoais do Curso de Estimulação Precoce em Deficiência Auditiva, Rio de Janeiro, PUC/CENESP/INES, 1976.
08. ————. Anotações pessoais do Curso de Especialização em Deficiência Auditiva, Rio de Janeiro, MEC — INES, 1982.
09. STELLING, E. *et al.* Proposta Curricular da Pré-Escola da CAPE/APADA, Niterói, 1991.
10. TRACY, L. *et al.* Curso por correspondência de La Clínica John Tracy para los Padres de Niños Sordos de Edad Preescolar. Los Angeles. Clínica John Tracy, 1973.
11. VASCONCELOS, I. Apostilas. Escola Santa Cecília, Rio de Janeiro, 1976.